



Autismo e comorbidades: achados atuais e futuras direções de pesquisa

Natallie do Carmo Prado Bianchini*

Luiz Augusto de Paula Souza**

Matson JL, Goldin R. Comorbidity and autism: Trends, topics and future directions. *Res Autism Spect Dis.* 2013; 7:1228-33.

O autismo é um transtorno do desenvolvimento humano estudado há quase seis décadas, mas sobre o qual ainda pairam muitas divergências, polêmicas e desafios ao entendimento e à atuação de profissionais e pesquisadores do campo. Essa síndrome foi descrita pela primeira vez em 1943 por Leo Kanner (médico Austríaco, residente em Baltimore, nos EUA) em seu histórico artigo, escrito originalmente em inglês intitulado “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo.”

Em 1944, Hans Asperger, médico também austríaco e formado pela Universidade de Viena, escreve outro artigo sob o título “Psicopatologia Autística da Infância”, no qual descreve crianças bastante semelhantes às estudadas por Kanner.

Na primeira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), em 1952, o autismo aparece como um sintoma de “reação esquizofrênica, tipo infantil”, categoria na qual são classificadas as reações psicóticas em crianças com manifestações autísticas. Na sequência, o DSM-II (1982) eliminou o termo “reação” e a classificação passa a ser “esquizofrenia tipo infantil”, categoria relativamente próxima ou equivalente à “reação Esquizofrênica” do DSM-I. Por essa via,

o comportamento autístico segue como uma das manifestações da esquizofrenia na infância, e permanece sendo um sintoma. No DSM III, o autismo aparece, pela primeira vez, como entidade nosográfica. É criada a classe diagnóstica “Transtornos Globais do Desenvolvimento – TGD”, e no DSM IV, o autismo se mantém como referência para as novas classificações e os TGDs recebem outros subtipos: “Transtorno de Rett”; “Transtorno Desintegrativo da Infância”; e “Transtorno de Asperger”.

O DSM-5 (2013), por sua vez, extingue os TGDs e cria uma única categoria diagnóstica para os casos de autismo denominada “transtorno do espectro do autismo”¹.

Atualmente, embora os chamados transtornos do espectro do autismo (TEA) sejam mais conhecidos, inclusive como temas de filmes de sucesso, ainda surpreendem pela diversidade de características que podem apresentar.

Em boa parte das vezes, a criança com autismo tem aparência normal e, ao mesmo tempo, um perfil irregular de desenvolvimento, podendo ter habilidades impressionantes em algumas áreas, enquanto outras se encontram bastante comprometidas².

*Mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia PUC-SP. **Professor Titular da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde - PUC-SP.





A prevalência atual dos TEA é de 1:160 indivíduos, número muito superior aos registrados em décadas anteriores. Tal variação poderia suscitar a hipótese de que haveria uma espécie de epidemia de autismo, o que, naturalmente, não procede. A explicação mais plausível para o aumento das pessoas identificadas no espectro autista é o maior (re)conhecimento dessa condição, acima de tudo a maior abrangência do conceito de “transtornos globais do desenvolvimento”³.

O artigo que passaremos a resenhar refere que a temática do autismo e suas comorbidades vem ganhando destaque. Os autores, Jhony L. Matson e Rachel L. Goldin, professores do departamento de psicologia da Universidade de Louisiana, afirmam:

(...) o que está ocorrendo atualmente é o desenvolvimento de todo um novo campo de estudo, o campo seria melhor caracterizado como autismo e comorbidades. Muitas perguntas estão sendo feitas. Este processo incluía determinação das formas mais comuns de comorbidade, como os sintomas são expressos, quais desordens além de autismo ocorrem mais com esta síndrome, até que ponto há etiologias comuns. Qual a melhor forma de avaliar e diagnosticar essas doenças? Quando elas ocorrem, quais estratégias de intervenção são eficazes? (...) (p.1229)

Na pesquisa sobre o tema do autismo e suas relações com possíveis comorbidades, o artigo se destaca por, pelo menos, duas razões complementares: por mapear as formas mais comuns das comorbidades no autismo; e apontar direções futuras à investigação de comorbidades nos indivíduos com autismo.

A metodologia utilizada pelos autores foi a da revisão sistemática, realizada na base de dados SCOPUS. Mais de 20 mil títulos, demais de 5.000 editoras internacionais, foram incluídos. Os tópicos pesquisados abarcaram domínios científicos e técnicos, com ênfase nas ciências médica e social.

Um total de 1.528 artigos foram identificados usando o tema mencionado. Alguns dos trabalhos foram excluídos por não atenderem a intenção da pesquisa: estudos sobre o autismo que não tinham relações com comorbidades, e estudos sobre comorbidades que não tinham a ver com autismo. Excluídos tais textos, 449 artigos foram analisados.

O artigo verifica que as pesquisas sobre o autismo estão crescendo, mas apontam que a realização de investigações de natureza descritiva e

exploratória ainda são necessárias, uma vez que se trata de temática complexa, com muitas variáveis e dimensões a serem mais bem conhecidas, descritas e analisadas. O aumento no número de pesquisas, segundo os autores, representaria um fato promissor em relação aos possíveis desenvolvimentos futuros dessa área do conhecimento.

O estudo defende que a questão das comorbidades também será mais estudada, em razão do crescimento de estudos no campo do autismo, o que poderá trazer novos olhares e formas de pensamento sobre os transtornos globais do desenvolvimento.

As comorbidades de que trata a pesquisa são analisadas separadamente, por meio de quatro grandes categorias, em função dos conteúdos presentes na literatura pesquisada: condições físicas; condições mentais; comportamentos desafiadores; e deficiência intelectual (DI). Segundo os autores, a investigação sobre cada uma dessas categorias está evoluindo rapidamente.

As comorbidades mais encontradas foram epilepsia, distúrbio do sono, transtorno de atenção e hiperatividade (TDAH), ansiedade, estereotipia, comportamento infrator e DI. Também foi encontrado, em alguns artigos, a comorbidade da deficiência auditiva.

Nos resultados, referem que DI é a comorbidade mais encontrada, e alertam para o fato de que ela é um agravo relevante e derivado de variados fatores causais. Além disso, lembram que a deficiência intelectual é bastante debilitante e desafiadora aos profissionais da saúde, que ainda não possuem respostas suficientemente eficazes na reabilitação da gama de quadros que a configuram.

Destaco aqui duas comorbidades mais diretamente ligadas à Fonoaudiologia: DI e deficiência auditiva. A DI foi a mais prevalente entre as comorbidades e os transtornos de linguagem e cognição presentes na DI e em vários quadros de TEA fazem parte do campo de atuação do fonoaudiólogo, daí também o interesse desse tipo de estudo para a Fonoaudiologia.

Do mesmo modo, o fonoaudiólogo é o profissional responsável pela reabilitação da deficiência auditiva. Essa comorbidade do autismo envolve a perda de uma fonte sensorial importante, sobretudo nos períodos de socialização, aquisição e desenvolvimento da linguagem, processos também ligados diretamente ao trabalho fonoaudiológico.

Os autores concluem afirmando que “comorbidades no autismo” ainda é temática relativamente nova e, por isso, há necessidade de mais estudos para compreender as relações entre agravos à saúde cuja co-ocorrência é persistente, bem como para construir desdobramentos práticos aos processos de reabilitação desses indivíduos. Os autores sugerem algumas direções de pesquisa: efeitos na família das comorbidades do autismo; construção de intervenções mais adequadas para enfrentar comportamentos desafiadores e estereotipados.

Para a Fonoaudiologia, além das dimensões destacadas, o artigo é de interesse também porque a linguagem e a comunicação, com frequência, estão perturbadas nos quadros autísticos e são dimensões centrais à reabilitação desses transtornos. Nesse sentido, é necessário que a Fonoaudiologia avance na compreensão das características e dos sintomas dos transtornos do espectro do autismo e de suas comorbidades, para contribuir na construção multi e interdisciplinar de conhecimentos e estratégias terapêuticas, estabelecendo direções para investigar e tratar a linguagem e as habilidades comunicativas, em seus aspectos sensoriais, motores, orais e discursivos relacionais.

O fonoaudiólogo é o profissional que trata dos transtornos de linguagem, de motricidade orofacial, de audição e de voz, portanto atua em dimensões sensíveis aos sintomas e características das pessoas do espectro do autismo, inclusive quando outros transtornos compõem aí como comorbidade. Os transtornos do espectro do autismo se caracterizam por prejuízos severos e invasivos na interação social e na comunicação, bem como pela presença de, entre outros, comportamentos, interesses e atividades estereotipados.

Por sua vez, a deficiência intelectual (comorbidade mais frequentemente encontrada na pesquisa ora resenhada) também se caracteriza por importantes comprometimentos cognitivos e de linguagem. Em ambos os casos (DI e TEA), a intervenção fonoaudiológica é relevante, nela mesma e na interação interdisciplinar com outras áreas e profissionais da saúde e da educação, pois o autismo e suas comorbidades continuam desafiando a compreensão e a atuação desses profissionais.

Nesse sentido, a leitura do artigo em questão é útil também aos profissionais da educação e de outras profissões, que trabalham direta ou indiretamente com pessoas com transtornos do espectro do autismo. Nele encontrarão um panorama

abrangente sobre comorbidades do autismo, com informações relevantes para aprofundar aspectos teóricos e a reflexão clínica ou educacional, bem como para conhecer indicações sobre direções de pesquisa para o estudo do autismo e de suas comorbidades.

Referências Bibliográficas

1. Coutinho AA, Carrizo C, Ciqueira D et al. Do DSM-I ao DSM-5: efeitos do diagnóstico psiquiátrico “espectro autista” sobre pais e crianças. *Psicanálise, autismo e saúde pública*. [homepage da internet]. São Paulo. [atualizado em 11/04/2013; acesso em 11/11/2013]. Disponível em: <http://psicanaliseautismoesaudepublica.wordpress.com/2013/04/11/do-dsm-i-ao-dsm-5-efeitos-do-diagnostico-psiquiatrico-espectro-autista-sobre-pais-e-criancas/>.
2. Fernandes AV, Neves JVA, Scaraficci RA. Autismo. Instituto de Computação. [homepage da internet]. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas. [acesso em 11/11/2013]. Disponível em: <http://www.ic.unicamp.br/~wainer/cursos/906/trabalhos/autismo.pdf>
3. Schwartzman JS. *Transtornos do espectro do autismo*. 1a. Edição. São Paulo: Memnon; 2011.

Recebido fevereiro/14; **aprovado** março/14.

Endereço para correspondência

Natallie do Carmo Prado Bianchini. Rua Correia Dias, 297 - apto 31 - CEP: 09010-970 – Santo André-SP/Brasil.

E-mail: natalliebianchini@hotmail.com